

# **EU ME LEMBRO COMO SE FOSSE ONTEM:**

## **Memória e identidade em relatos individuais**



Organizadores

André Suêlto Tavares de Lima  
Fábio Francisco de Almeida Castilho  
Jarbas Maurício Gomes



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Alagoas

Eu me lembro como se fosse ontem:  
Memória e identidade em relatos individuais

Organizadores  
André Suêlto Tavares de Lima  
Fábio Francisco de Almeida Castilho  
Jarbas Maurício Gomes



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Alagoas

## EXPEDIENTE TÉCNICO

Organizadores:

André Suêlto Tavares de Lima  
Fábio Francisco de Almeida Castilho  
Jarbas Maurício Gomes

Projeto gráfico:

Fábio Francisco de Almeida Castilho  
João Vitor da Silva Santos

Diagramação: João Vitor da Silva Santos



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Instituto Federal de Alagoas  
Campus Maceió  
Biblioteca Benevides Monte

370.71  
E86

Eu me lembro como se fosse ontem [recurso eletrônico] : memória e identidade em relatos reais / [organização de] André Suêlto Tavares de Lima, Fábio Francisco de Almeida Castilho, Jarbas Maurício Gomes ; [autoria de] Roseany Maria Araujo de Almeida [et al.]. – Maceió : IFAL, 2025. – Dados eletrônicos (1 arquivo : 6,19 MB). – 2025.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: Internet.

ISBN: 978-65-01-55641-0.

Coletânea de textos desenvolvidos por estudantes da disciplina Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT) do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (Profept), turma de 2024.

1. Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (Profept). 2. Memórias pessoais. 3. Identidade. I. Lima, André Suêlto Tavares de (org.). II. Castilho, Fábio Francisco de Almeida (org.). III. Gomes, Jarbas Maurício (org.). IV. Almeida, Roseany Maria Araujo de. V. Título.

Come as you are, as you were  
As I want you to be  
As a friend, as a friend  
as an old enemy (...)

Come doused in mud, soaked in bleach  
As I want you to be  
As a trend, as a friend  
as an old memory

(Kurt Cobain, 1992)



# Sumário

Entre memórias e homenagens: a história por trás do nome Ayrton  
Rodrigo.....07

**Roseany Maria Araujo de Almeida**

A menina que gostava da liberdade.....13

**Núbia Lemos da Silva**

Uma memória cultural: momentos inesquecíveis e um lugar  
apaixonante.....17

**Luciana Costa de Oliveira Teixeira**

Reflexões da minha adolescência: memória, consciência e  
identidade.....33

**Andemberg Nonato Menezes da Silva**

Memórias da batalha de um casal para ser pais até o nascimento do  
seu bebe arco -íris: a alegria após a  
tempestade.....43

**Marina Oliveira Lins**

Para isso, também servem as memórias..... 57

**Bruno Mendonça Monteiro de Carvalho**

O dia em que me tornei são-paulino.....64

**Fábio Francisco de Almeida Castilho**

---



---

# Apresentação

O presente material é a coletânea de textos desenvolvidos por estudantes da disciplina Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT) do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Alagoas (Profept/Ifal), turma 2024. Além dessa turma, colaborou de maneira especial a egressa da turma de 2022 Roseany Maria Araújo de Almeida, Por fim, completa a coletânea de textos, um relato do professor Fábio Castilho. Agradecemos as estudantes e estudantes que aceitaram o desafio e compartilharam seus registros pessoais com a intenção de refletir sobre os usos da memória.

O objetivo era revisitar memórias individuais a partir dos debates promovidos à luz das referências bibliográficas da disciplina.

Sabemos que a memória é uma representação da sociedade, que incorpora o presente e as perspectivas sobre o passado. Além disso, a memória está intimamente ligada à identidade, tanto a pessoal como a coletiva e ela ajuda a construir a sensação de continuidade e coerência, contribuindo para a constituição de identidades coletivas e culturais. No entanto, é preciso ter cuidado para não confundir memória com lembrança, e para não deixar que a memória influencie a história de forma tendenciosa.

A partir desse referencial, pedimos para os estudantes desenvolverem um relato pessoal de episódios marcantes em suas trajetórias a partir de suas lembranças, em um segundo momento deveriam confrontar essa lembrança, buscando outras memórias ou fontes que fizessem rever ou complementar o relato inicial. O resultado pode ser conferido nos textos que seguem.

## ENTRE MEMÓRIAS E HOMENAGENS: A HISTÓRIA POR TRÁS DO NOME AYRTON RODRIGO



Roseany Maria Araujo de Almeida

Me chamo Roseany Maria Araujo de Almeida, sou natural de Maceió, Alagoas, e mãe de três filhos. Minha jornada com a maternidade começou em 1993, quando, aos dezenove anos, engravidei pela primeira vez. Naquela época, ainda estava concluindo o ensino médio, sem imaginar os desafios e alegrias que me aguardavam. A maternidade não era um sonho ou uma meta planejada, mas uma realidade que chegou de forma inesperada, mudando completamente os rumos da minha vida. Tudo aconteceu tão rapidamente que não tive tempo para organizar ou planejar como gostaria, mas tive o apoio incondicional da minha família e do meu namorado, que hoje é meu marido.

Em novembro de 1993, no meio das intensas atividades escolares de final de ano, me casei enquanto estava no terceiro mês de gestação. A partir daí, embarquei em uma nova fase da vida, enfrentando desafios e descobertas que nunca havia sequer imaginado. Ainda assim, carregava comigo uma certeza, eu esperava um menino. Desde o início, sabia que seu nome seria Rodrigo, um nome cheio de significado para mim. Curiosamente, anos depois, lembrei que esse nome era uma homenagem ao meu boneco favorito de infância, que, por sua vez, recebeu esse nome inspirado em um personagem da novela de sucesso *A Gata Comeu*, exibida nos anos 1980.



## ENTRE MEMÓRIAS E HOMENAGENS: A HISTÓRIA POR TRÁS DO NOME AYRTON RODRIGO



Essa conexão com o passado me trouxe um sentimento de continuidade e carinho, tornando ainda mais especial a chegada do meu primeiro filho. Assim, com todas as surpresas e reviravoltas, minha história de maternidade começou de maneira inesperada, mas cheia de amor, aprendizado e transformação.

Tudo foi se organizando e se ajeitando na medida do possível, mas foi uma experiência profundamente transformadora e repleta de desafios. Tive que me adaptar rapidamente à nova realidade, deixando de lado muitos dos sonhos que tinha para minha carreira acadêmica e profissional.

Na década de 1990, a maternidade na juventude era frequentemente vista como uma espécie de sentença social, que interrompia planos e ambições, principalmente para mulheres jovens como eu.

Havia uma expectativa implícita de que, ao me tornar mãe, minha prioridade deveria ser exclusivamente cuidar da casa, do marido e do bebê. Não era fácil lidar com essa pressão. O peso do julgamento alheio, combinado com a responsabilidade de criar um filho, foi avassalador em muitos momentos. Apesar disso, eu me esforcei para encontrar equilíbrio e força para seguir em frente. Aprendi a redefinir minhas prioridades e a enxergar o futuro sob uma nova perspectiva.

## ENTRE MEMÓRIAS E HOMENAGENS: A HISTÓRIA POR TRÁS DO NOME AYRTON RODRIGO



cada dia trazia uma nova lição, uma nova descoberta sobre mim mesma e sobre o que significava ser mãe. Descobri que, embora tivesse que adiar alguns sonhos, não precisava abandoná-los completamente. Com o apoio do meu marido e da minha família, fui aos poucos reconstruindo minha trajetória, moldando um caminho que pudesse integrar meus novos papéis, o de mãe e o de mulher com sonhos e aspirações.

Hoje, ao olhar para trás, percebo como aquela fase, cheia de incertezas e adaptações, foi essencial para me transformar na pessoa que sou. A maternidade, embora inesperada, me deu resiliência, coragem e um amor que eu nunca imaginei ser capaz de sentir. Ela me ensinou a ser flexível, a enfrentar preconceitos e a acreditar que, com determinação, é possível reconstruir sonhos e criar horizontes, mesmo diante das maiores adversidades.

Apesar de todas as incertezas, os preparativos para a chegada de Rodrigo estavam em plena atividade. O enxoval já estava cuidadosamente organizado, o quarto pronto e decorado com carinho, e cada detalhe necessário para receber o primeiro filho havia sido pensado com amor. Tudo estava no lugar, aguardando apenas o momento especial da sua chegada, prevista para meados de maio.



## ENTRE MEMÓRIAS E HOMENAGENS: A HISTÓRIA POR TRÁS DO NOME AYRTON RODRIGO



No dia 1º de maio de 1994, um domingo ensolarado, dediquei-me aos últimos ajustes. Enquanto arrumava os detalhes finais, a emoção e a expectativa preenchiam o ar. Com o início de maio, sabia que a chegada de Rodrigo poderia acontecer a qualquer instante, como era de costume os aparelhos de TV estavam ligados na corrida de Fórmula 1. Naquele tempo, tínhamos um representante do Brasil, Ayrton Senna, que fazia nossos olhos brilharem e nossos corações baterem mais forte. O orgulho de ser brasileiro era palpável, quase como uma chama que aquecia a todos nós. Lembro-me com nitidez da empolgação nas narrações de Galvão Bueno, que traziam a Fórmula 1, um esporte considerado tão elitizado, para mais perto de cada lar brasileiro. Ele fazia parecer que estávamos todos na pista, torcendo, vibrando e vivendo cada curva como se fosse nossa.

Foi exatamente nesse contexto, em um dia que deveria ser de expectativa e alegria, que um momento de tristeza marcou minha memória. Estava no quarto do pequeno Rodrigo, arrumando sua mala da maternidade, quando a voz de Galvão Bueno tomou um tom grave e emocionado, anunciando o acidente que envolveu Ayrton Senna durante o grande prêmio de San Marino, realizado no circuito de Imola, na Itália. Aquele domingo de 1º de maio de 1994 ficou gravado em minha memória. Era como se o mundo tivesse parado por um instante. Ayrton Senna não era apenas um piloto, ele era um símbolo de superação, garra e esperança para uma nação inteira.



## ENTRE MEMÓRIAS E HOMENAGENS: A HISTÓRIA POR TRÁS DO NOME AYRTON RODRIGO



Em meio à incerteza sobre o estado de saúde de Ayrton Senna, enquanto o país aguardava notícias que poderiam confirmar se tudo aquilo era apenas um acidente grave ou a perda definitiva de um ídolo, meu marido começou a considerar uma homenagem a ele. Surgiu a ideia de dar ao nosso bebê o nome de Ayrton. Confesso que, de imediato, não gostei da ideia. Achei até um pouco exagerado, algo que me remetia àquela tendência brasileira de dar aos filhos nomes de jogadores de futebol.

Relutei, pois para mim aquele bebê era o meu Rodrigo. Já tinha o nome escolhido com tanto carinho, carregado de memórias da minha infância. Mas, por um momento, tentei ser racional e lembrei que o filho não era só meu, ele era nosso. Esse pensamento me fez ceder, mesmo contra a minha vontade inicial. Entre discussões e reflexões, acabamos chegando a um acordo, o nome seria composto, e ele se chamaria Ayrton Rodrigo. Era uma forma de homenagear um ícone nacional sem abrir mão do nome que já significava tanto para mim.

E assim foi decidido. No dia 17 de maio, Ayrton Rodrigo chegou ao mundo, trazendo consigo todas as certezas de um amor incondicional. Seu nascimento marcou o início de uma nova fase em nossas vidas, um momento que unia a esperança do futuro com a emoção de homenagear alguém que inspirou uma nação inteira. Ele veio para nos mostrar que, mesmo em meio às incertezas, o amor e a união sempre prevalecem.

## ENTRE MEMÓRIAS E HOMENAGENS: A HISTÓRIA POR TRÁS DO NOME AYRTON RODRIGO



O nome do nosso primeiro filho carrega em si memórias e histórias que o tornam verdadeiramente único, um sujeito do mundo. É interessante como poucas pessoas fazem a ligação entre o nome Ayrton Rodrigo e o ídolo da Fórmula 1, Ayrton Senna. Talvez isso se deva ao fato de que, naquela época, o Brasil estava envolvido por outra paixão, o futebol. Com a conquista do tetracampeonato na Copa do Mundo de 1994, os registros de bebês com nomes como Romário, Ronaldo e Raí se multiplicaram, refletindo o entusiasmo nacional.

Enquanto muitos seguiam o fervor da vitória nos gramados, nosso Ayrton Rodrigo hoje com 30 anos carrega em seu nome um tributo à coragem, determinação e legado de um ícone que transcendeu o esporte. Essa conexão, embora não seja evidente para todos, é um lembrete sutil da força de nossas escolhas e das histórias que construímos para as próximas gerações. Assim, o nome dele não é apenas uma junção de palavras, mas um símbolo de amor, memória e identidade, um laço entre o pessoal e o coletivo, entre o passado e o futuro.



### Referências

Instituto Ayrton Senna. "Legado e Impacto Social de Ayrton Senna." Disponível em: <https://www.institutoayrtonsenna.org.br/>. Acesso em: 2 dez. 2024.

RODRIGUES, Ernesto. **Ayrton Senna: O Herói Revelado**. São Paulo: Editora Nobel, 1994.

## A menina que gostava da liberdade



Núbia Lemos da Silva

Essa memória não tem data, nem hora marcada, mas é cravada na memória como um canto da infância.

Era em Batingas, um povoado da zona rural de Arapiraca, que a menina que gostava da liberdade vivia. Ali, as coisas mais simples eram as mais grandiosas. Os basculantes deixavam o sol entrar, iluminando a casa rodeada por flores vermelhas, amarelas e rosas. Na frente, uma grande árvore sombreava a casa, refrescando os dias quentes e convidando as crianças a sonhar à sombra. O som do vento entre os hibiscos coloridos que cercavam a casa da menina era a sua música preferida.

O quintal era um mundo à parte, cheio de pés de manga, goiaba, cajú e tantas e outras frutas que saborearam os seus dias. Subir nas árvores era quase um ritual: os galhos como degraus que levavam ao céu e faziam sentir que ser livre é estar onde estamos felizes.

Correr entre os currais de fumo plantados pelos pais e brincar nos quintais vizinhos eram atividades que preenchiam os dias. Mas o escorrega-rela, feito do monte de areia deixado pela construção da rodovia AL 110, era o favorito.

## A menina que gostava da liberdade



O corpo deslizava rápido, o coração acelerava, e a liberdade ganhava forma no vento que bagunçava os cabelos e levava embora qualquer pensamento que não fosse o de estar viva e livre.

A menina não brincava sozinha. Primos e primas, vizinhos e vizinhas, estavam sempre por perto. Cada rosto trazia uma cumplicidade única, e o riso era fácil. Era o tempo em que ela só tinha pressa para viver. A sua infância era um mergulho longo e profundo na liberdade.

Ela era uma menina inquieta, dessas que fazem perguntas que os adultos não sabem responder. Por que cabelo não se chamava peixe, e peixe não se chamava cabelo? Era uma lógica que só ela entendia, mas que fazia parte de um pensar o mundo que já despontava ali. Aqueles questionamentos, às vezes encarados como teimosia, eram sementes de um olhar curioso e questionador sobre a vida.



## A menina que gostava da liberdade



Descalça, ela sentia o mundo nos pés. A terra seca, a grama, a areia movediça... Cada textura era um diálogo com a liberdade. Vestia roupas leves, dançava e cantava sem reservas. O vento no rosto e o som das folhas balançando nas árvores eram sua trilha sonora, e o cheiro do ar carregado de infância era a essência de tudo.

“Liberdade é pouco. O que desejo ainda não tem nome”, escreveu Clarice Lispector, e a menina parecia compreender isso em cada gesto. Ela corria, ria até doer a barriga, rodopiava com os cabelos soltos e sentia, em cada instante, o gosto de algo maior que a própria vida.

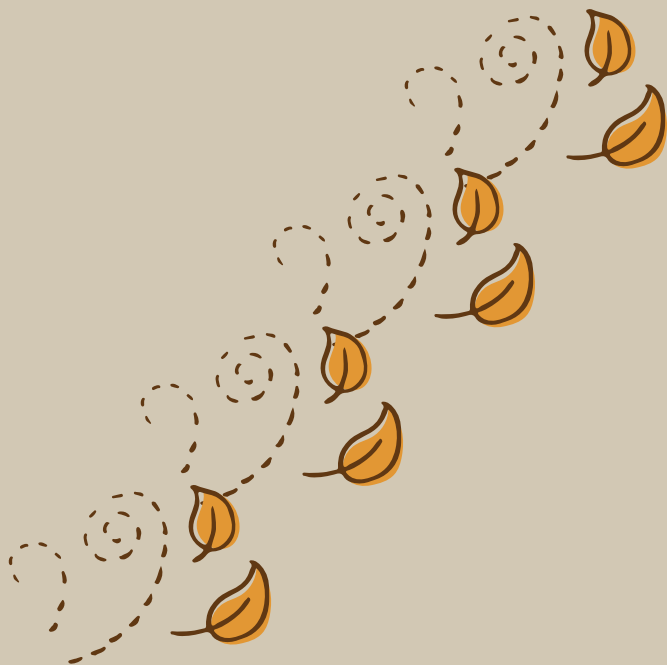
Mas ela também era uma aprendiz de humanidade. A menina que gostava da liberdade me ensinou a viver, não apenas a existir. Ela me mostrou que ser corajosa não é não ter medo, mas seguir em frente apesar dele. Que lutar pelos próprios objetivos é nobre, mas lutar por quem não pode lutar por si é ainda mais grandioso.

Hoje, olhando para trás, percebo que ela sabia das coisas. Talvez não soubesse explicar, mas vivia com uma intensidade que poucos compreendem. Ela viveu todas as emoções, entregando-se ao instante, como quem sabe que a infância não volta, mas deixa marcas eternas.

## A menina que gostava da liberdade



A menina que gostava da liberdade é uma memória, mas também um guia. Ela está comigo quando preciso de coragem, quando busco sentir a vida em sua essência. A liberdade dela me ensinou que o vento no rosto é mais do que um momento; é uma forma de lembrar que somos parte do mundo e, ao mesmo tempo, infinitamente maiores do que ele.



## Uma memória cultural: Momentos inesquecíveis e um lugar apaixonante



Luciana Costa de Oliveira Teixeira

Me chamo Luciana Costa de Oliveira Teixeira, sou brasileira, de Maceió, Alagoas, e atualmente sou professora de Língua Espanhola no Instituto Federal de Alagoas, Campus Maragogi. Possuo graduação em Turismo, sou licenciada em Letras Espanhol-Português e tenho especialização em Docência do Ensino Superior. Atuo na área da docência desde o ano de 2003 e sempre lecionei Língua Espanhola até os dias atuais.

Neste texto, discorrerei sobre uma memória que me trouxe muito conhecimento, tanto como profissional quanto como pessoa, pois transformou minha forma de ver muitos aspectos, gerando em mim um grande crescimento.

"No ano de 2008, quando trabalhava em uma instituição dedicada ao ensino do idioma espanhol, chamada Casa de Cultura Latino-Americana (CCLA), vinculada à Universidade Federal de Alagoas, uma colega de trabalho me indicou um programa de bolsas para professores de Espanhol e fiz a inscrição nessa seleção para obter uma bolsa em um curso de especialização na Espanha. Meu sonho sempre foi conhecer a Espanha, mas por questões de ordem econômica ainda não tinha podido realizá-lo.

## Uma memória cultural: Momentos inesquecíveis e um lugar apaixonante



Decidi, então, naquele ano, arriscar e me inscrevi no programa de bolsas para professores de espanhol do Brasil e, pasmem, fui selecionada com mais 34 professores de todo o Brasil para realizar este curso na tão sonhada Espanha. Mas, então, veio a segunda parte do processo: eu devia enviar à Embaixada meus dados, passaporte e também a passagem comprada de ida e volta, pois a bolsa contemplava o alojamento, a alimentação o seguro e a ajuda de custo, mas não as passagens.

O ano de 2008 foi um ano de grande crise e, considerado por muitos economistas, a pior crise econômica desde a Grande Depressão. Então, solicitei ajuda à Universidade Federal de Alagoas para que me ajudasse no custo da viagem, mas, tendo esta negada a solicitação e, diante dos altos preços das passagens aéreas, tive que recorrer a empréstimos, conseguindo um para finalmente financiar a minha tão sonhada viagem ao berço da língua espanhola. Consegui o empréstimo e comprei as passagens aéreas!

## Uma memória cultural: Momentos inesquecíveis e um lugar apaixonante



No entanto, consegui viajar a Espanha, atendendo a todos os requisitos, pois, naquele ano, o país estava recusando a entrada de muitos turistas brasileiros devido à falta de documentação ou de recursos financeiros suficientes para ingressar no território. O Brasil havia adotado a lei da reciprocidade na época, mas o volume de brasileiros cuja entrada foi negada era considerável. O medo era grande de ser barrada.

Eu era recém-contratada da CCLA (Casa de Cultura Latino-Americana) e ainda não ganhava o suficiente para arcar com as despesas de um intercâmbio internacional. No entanto, mesmo assim, não desisti, lancei-me ao desafio e consegui realizar a minha tão sonhada viagem de estudos. Mas, para onde mesmo? Ah, para Granada!

Despedir-me de meus pais, que me levaram ao Aeroporto Zumbi dos Palmares em Maceió, foi um momento de grande emoção. Ao chegar ao Aeroporto de Barajas, em Madrid, fui à esteira para recolher minha bagagem, mas ela simplesmente não aparecia. Minha mala havia sido extraviada.



## Uma memória cultural: Momentos inesquecíveis e um lugar apaixonante



Dentro dela, eu tinha roupas, produtos de limpeza, itens de higiene pessoal e outros objetos essenciais para a minha estadia na Espanha, durante os meses de junho e julho, período em que aconteceria o curso. O desespero tomou conta de mim quando, no balcão, me informaram que eu deveria registrar o ocorrido e aguardar. Foi então que me passaram o contato da companhia de seguros para que eu pudesse falar com eles sobre os procedimentos relativos ao extravio. Naquela época, não havia WhatsApp, e ainda utilizávamos as cabines telefônicas para fazer ligações.

"Após conversar com a companhia aérea, senti-me triste e frustrada. Finalmente, dirigi-me à estação de ônibus, onde comprei um sanduíche delicioso de queijo e uma coca-cola, pois estava faminta. Era a minha primeira viagem de ônibus pela Espanha, e eu estava exausta e atordoada pela perda da minha bagagem."

A viagem de Madrid a Granada tem uma duração média de 5 horas, e eu não imaginava que, naquele momento, começaria a me apaixonar pela Andaluzia. O ônibus da companhia Alsa é extremamente confortável, e as janelas são amplas, permitindo uma visão privilegiada da paisagem.

## Uma memória cultural: Momentos inesquecíveis e um lugar apaixonante



Figura 1- El toro De Osborne- Acervo pessoal da autora

Fui observando atentamente cada detalhe do cenário. Passei por lugares de grande beleza, e o que mais me chamou a atenção foi o emblemático 'Torro de la Carretera', também conhecido como Toro de Osborne. Trata-se de uma imponente silhueta de um touro-bravo, com aproximadamente 14 metros de altura, concebida originalmente como um grande painel publicitário ao longo das estradas, com o objetivo de promover o Brandy de Jerez Veterano, do Grupo Osborne. Até então, eu só o havia visto em fotos ilustrativas nos livros de Espanhol.

Durante o percurso, percebi que duas pessoas conversavam atrás do meu assento e comentavam: 'Acho que ela é espanhola, vamos perguntar para ela'. Então, eles me perguntaram se faltava muito para chegar a Granada, e eu lhes respondi que não sabia, pois era a primeira vez que estava conhecendo a região.

## Uma memória cultural: Momentos inesquecíveis e um lugar apaixonante

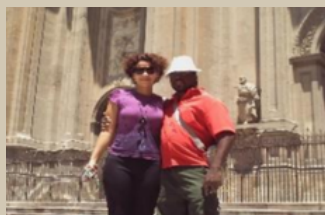


Figura 2- Colegas brasileiros- Acervo pessoal da autora

Eles me disseram que eram brasileiros, e eu revelei que também era, continuando a conversa em espanhol. Todos éramos professores brasileiros, bolsistas contemplados para o mesmo curso, mas, por estarmos na Espanha, acreditávamos que deveríamos nos comunicar apenas em espanhol. Em algumas ocasiões, falávamos em português. Eles me confessaram que pensaram que eu era uma espanhola bem antipática e estavam com vergonha de me perguntar sobre o tempo que faltava para chegar. Isso me fez rir muito naquele momento. Desde então, nos tornamos amigos.

Chegamos à cidade de Granada e nos dirigimos ao alojamento, chegando bem tarde, quase às 23h. A refeição já havia sido servida, normalmente entre 20h e 23h. No entanto, ao perceberem que estávamos cansados e famintos, nos ofereceram o que restara da refeição daquele dia, e agradecemos, pois, estava muito saboroso. Cada um de nós seguiu para seu quarto para descansar.

## Uma memória cultural: Momentos inesquecíveis e um lugar apaixonante



No dia seguinte, teve início o curso, com a cerimônia de abertura em um grande auditório da Universidade de Granada. Em seguida, começamos as aulas no Centro de Linguas Modernas (CLM) da universidade. Para ir do alojamento até o CLM, precisávamos pegar um ônibus e, depois, caminhar um pouco pelo centro histórico. Era tudo muito belo de se ver, e ali começava uma paixão inesperada pela cidade de Granada. Muitas vezes, optei por não pegar o ônibus e saía mais cedo para ir a pé, já que as aulas começavam às 9h. Alguns colegas também adotaram essa prática, pois cada canto de Granada era algo que valia muito a pena ser contemplado.



Figura 3- Rua de Granada- Acervo pessoal da autora

Fiquei impressionada com a limpeza da cidade, que superava a de muitas outras cidades espanholas. Todos os dias, as ruas eram lavadas com uma máquina, uma espécie de carrinho varredor, que também realiza a limpeza das vias. O brilho que deixavam no asfalto me impressionou. Além disso, havia papeleiras espalhadas por toda a cidade

## Uma memória cultural: Momentos inesquecíveis e um lugar apaixonante

---



No curso, aprendi muito sobre os aspectos culturais e linguísticos dos espanhóis, pois o programa intitulado 'Curso de Lengua y Cultura Española' proporcionou uma riqueza de conhecimentos que eu jamais imaginara adicionar ao meu currículo profissional. Já atuava como professora de Espanhol há cinco anos, mas nunca havia imaginado aprender tanto, especialmente em um lugar tão mágico como aquele.



Figura 4- Dona Pilar e eu (curso)  
Fonte: Acervo pessoal da autora

Além dos 34 professores brasileiros que estudavam comigo, também conheci pessoas de outros países que eram bolsistas naquela universidade. Encontrei participantes dos Países Baixos, Estados Unidos, China, e, especialmente, da China, pois, naquela época, os chineses estavam em grande número na Espanha, e o turismo local era amplamente influenciado por eles.

## Uma memória cultural: Momentos inesquecíveis e um lugar apaixonante



Figura 5- Colega de curso chinesa- Acervo pessoal da autora

Tínhamos aulas pela manhã, e depois íamos para o alojamento almoçar. Saíamos às 13h, e o almoço acontecia entre 13h e 15h, um horário tipicamente espanhol." Eu também voltava ao alojamento a pé; poucas vezes utilizei transporte público para retornar, e alguns colegas me acompanhavam a cada dia.



Figura 6- Colegas brasileiras- Acervo pessoal da autora

O almoço era sempre muito bom, e nos reuníamos todos: brasileiros, chineses, americanos, além de outros participantes de diferentes nacionalidades da Europa e de outras partes do mundo.

## Uma memória cultural: Momentos inesquecíveis e um lugar apaixonante



Durante o almoço, sempre havia vinho, e aproveitávamos esse momento para conversar bastante e algumas tardes, após o almoço, eu me dedicava a contatar a companhia aérea para obter informações sobre minha mala. Após 48 horas, eles informaram que ela estava em Málaga. Tive que comprar roupas e artigos de higiene pessoal, pois não sabia se a mala chegaria.

A companhia me indenizou com um valor de 100 euros, o que não foi suficiente para cobrir os meus gastos, considerando que, na época, o euro estava cotado a 3 reais e com os gastos das ligações telefônicas, pois tinha que comprar cartão para ligar na cabine e esse valor só diminuiu.



Figura 7- A mala- Acervo pessoal da autora

Alguns colegas também me emprestaram roupas e sandálias para o primeiro dia, enquanto eu realizava as compras. Após 72 horas, minha mala finalmente chegou ao alojamento, e a felicidade foi indescritível. Comemoramos a chegada da mala no alojamento, um alívio misturado a uma grande alegria

## Uma memória cultural: Momentos inesquecíveis e um lugar apaixonante

---



Durante as tardes em Granada, todas as lojas e estabelecimentos comerciais fechavam às 13h e reabriam às 17h. Isso me pareceu estranho inicialmente, mas logo descobri que era a famosa 'siesta', a qual, até então, eu imaginava ser apenas uma prática de dormir após o almoço. Compreendi que a 'siesta', um costume espanhol, consiste em permitir que as pessoas retornem para suas casas e descansem, fazendo o que lhes apetece: dormir alguns minutos, ler, assistir à TV ou simplesmente ficar em casa com a família. Esse hábito se aplica particularmente bem a essa região devido ao calor extremo de cerca de 40 graus, que é comum durante essa época do ano. Quase ninguém sai de casa durante esse intervalo de tempo.

Alguns dias, após as 17h, saíamos para explorar a cidade ou realizar algum passeio cultural incluído no programa do curso. Visitávamos igrejas, castelos, templos, parques e outros locais emblemáticos de Granada. Após essas visitas, costumávamos ir a algum bar para tomar algo, o que os espanhóis chamam de 'ir de tapas'.



Figura 8- tapas por Granada - Acervo pessoal da autora

## Uma memória cultural: Momentos inesquecíveis e um lugar apaixonante



Alguns dias, após as 17h, saíamos para explorar a cidade ou Nos bares de Granada, servem as famosas tapas, que são porções de petiscos que acompanham a bebida solicitada. O melhor de tudo é que as tapas são gratuitas! Esse costume de 'tapear' envolve ir de bar em bar, apreciando as tapas enquanto socializamos

Muitas vezes, eu saía sozinha pela cidade para tirar fotos dos locais, pois gostava de fazer isso ao meu ritmo, contemplando as maravilhas daquela cidade histórica.



Figura 9- Colegas de curso

Fonte: Acervo pessoal da autora

Naquele momento, eu não tinha plena noção da importância histórico-cultural de Granada. A cidade abriga as criptas dos Reis Católicos, Isabel I de Castela e Fernando II de Aragão, responsáveis por enviar Cristóvão Colombo à América em 1492, além de terem liderado a expulsão dos muçulmanos durante a guerra cristã-muçulmana, conhecida como a Guerra de Granada. A vitória cristã resultou na integração do último reino muçulmano da Península Ibérica à Coroa de Castela, encerrando o processo histórico de Reconquista, que os reinos cristãos haviam iniciado no século VIII.

## Uma memória cultural: Momentos inesquecíveis e um lugar apaixonante



Granada, por ser a cidade mais árabe da Espanha, apresenta uma impressionante mistura cultural, com casas cobertas de cal no famoso bairro do Albayzín, por onde costumava passar em alguns dias para tirar fotos.



Figura 10 – Bairro de Albayzín

Fonte: Acervo pessoal da autora

Aquele lugar mágico me fascinava, até que conheci o exuberante Palácio de La Alhambra, um complexo palaciano cujo verdadeiro atrativo, assim como outras obras muçulmanas da época, reside nos seus interiores, cuja decoração representa o auge da arte islâmica. Esta importante atração turística espanhola exhibe os mais célebres elementos da arquitetura islâmica no país, juntamente com estruturas cristãs do século XVI e intervenções posteriores em edifícios e jardins, que marcam a sua imagem tal como a vemos atualmente.

## Uma memória cultural: Momentos inesquecíveis e um lugar apaixonante



Figura 11 – Palácio da Alhambra

Fonte: Acervo pessoal da autora

Granada me encantou de maneira única, como nenhuma outra cidade da Espanha ou do mundo. Quando ganhei a bolsa, no início da viagem, eu me questionava sobre o que realmente era Granada e me queixava por não ter a oportunidade de estudar em Madrid ou Barcelona. Não sabia da suntuosidade e da beleza de uma cidade tão importante para a história e para a cultura da Espanha.



Figura 12- Recebendo certificado

Fonte: Acervo pessoal da autora

## Uma memória cultural: Momentos inesquecíveis e um lugar apaixonante



Hoje, posso afirmar que Granada é a minha cidade do coração, meu pedaço de amor na Espanha, onde me sinto bem, onde me sinto em casa. Sou imensamente grata pela oportunidade de ter ido lá estudar, não apenas pela beleza da cidade, por seu patrimônio histórico, pelas deliciosas “tapas”, pelos amigos que fiz e pelas pessoas que conheci, mas também por tudo o que aprendi.



Figura 13 – Colegas do curso

Fonte: Acervo pessoal da autora

Hoje, se alguém me disser que vai à Espanha, sempre digo: “Não deixe de conhecer Granada, a cidade mais bonita do país”. E posso afirmar isso com propriedade, como alguém que esteve lá e retornou algumas vezes após esse primeiro encontro. Cada visita tem sido um reencontro ao longo dos anos, e pretendo voltar em breve para me deparar novamente com essa cidade mágica, que me faz vê-la com novos olhos a cada vez que tenho a oportunidade de retornar.

## Uma memória cultural: Momentos inesquecíveis e um lugar apaixonante



Figura 14–Figura 14– Ousadia na Alhambra

Fonte: Acervo pessoal da autora

### Referências

ALHAMBRA. Wikipedia, a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Alhambra>. Acesso em: 12 dez. 2024.

## Reflexões da minha adolescência: memória, consciência e identidade



Andemberg Nonato Menezes de Souza

### Preâmbulo memorístico

As memórias são como peças de um quebra-cabeça que ajudam a formar nossa identidade. Elas alimentam nossas identificações e, às vezes, até nossas rejeições, mas falar sobre elas pode ser um desafio. Muitas vezes, o começo, o meio e o fim de eventos importantes se perdem nas brumas do tempo, especialmente os detalhes que os tornaram especiais. Para entender melhor minha trajetória, decidi compartilhar algumas lembranças da minha juventude, especialmente da minha adolescência. Meu nome é Andemberg Nonato, minha infância e adolescência se desenrolaram em um bairro de classe média baixa, onde cresci em uma casa simples, cujas limitações também condicionou reflexos em minha formação.

Ao longo dessa trajetória, as amizades são pontuadas, além dos convívios e contatos diversos. Um aspecto marcante da minha juventude foi a transição para o mundo virtual, especialmente no início dos anos 2000, quando a tecnologia começava a se integrar às relações sociais. Lembro das Lan Houses, onde jogava e me comunicava com amigos pelo MSN e pelo Orkut. Nesse contexto, destacando também a escola, pois desempenhou um papel importante nesse processo processo, um espaço que não apenas me proporcionou educação formal, mas também o aprofundamento na inserção e vivência social.

## Reflexões da minha adolescência: memória, consciência e identidade



No ambiente escolar, tive a oportunidade de interagir com estudantes de diferentes origens socioeconômicas, o que ampliou minha compreensão sobre diversidade e inclusão. As conversas e experiências compartilhadas neste espaço foram essenciais para minha formação, levando-me a refletir sobre questões sociais, políticas e culturais. Além da minha inserção em movimentos culturais, que também proporcionou discussões sobre direitos, desigualdades e violência, minha curiosidade sobre política começou a emergir, impulsionada pelo contato com esses movimentos sociais que promoviam um pensamento crítico.

Um momento decisivo em minha formação política ocorreu após o aumento da tarifa do transporte público, quando participei de uma mobilização estudantil em massa. Essa experiência me despertou para a importância do engajamento político e me levou a conhecer organizações estudantis e partidos de esquerda, aprofundando minha relação com o marxismo. Esse arcabouço teórico começou a fazer sentido à medida que eu entendia melhor o capitalismo e a refletir sobre minha própria realidade, como filho de um operário. Assim, ao olhar para minha família e meu contexto social, comecei a traçar um caminho de autoconhecimento, reconhecendo tanto minhas limitações quanto as possibilidades que se abriam diante de mim. Essa jornada de conscientização moldou minha identidade e minha visão de mundo.

## Reflexões da minha adolescência: memória, consciência e identidade



### Transformação

Memórias não são fáceis de descrever, por vários motivos. Às vezes, não lembramos o início, o desenrolar ou o fim dos eventos, ou eles foram tão impactantes ou traumáticos que nossa lembrança pode se tornar confusa ou fantasiosa. Ciente dessa delicada relação entre memória e história, decidi resgatar minhas lembranças e colocar aqui o que foi minha juventude, especificamente minha adolescência.

Pode me chamar Berg ou Andem, nasci em agosto de 1992, na cidade de Alagoinhas-BA. Sou filho de Raimundo Nonato, operário da construção civil, e Vandelma Aguiar, dona de casa e motorista de transporte escolar. Vivi na cidade até os 29 anos, quando me mudei para Maceió-AL, após ser aprovado no concurso da SEDUC-AL. Minha infância e adolescência aconteceram em um bairro de classe média baixa chamado Jardim Pedro Braga.

Morava em uma casa pequena, com cômodos compactos e pouco arejada. Eram dois quartos, uma sala-cozinha em meia parede, um banheiro e um pequeno quintal. A entrada tinha um pequeno hall, e o telhado baixo deixava a casa abafada. Meu quarto, que eu dividia com meu irmão, sete anos mais novo, não tinha janela e, em tempos de chuva, as paredes mofavam.



## Reflexões da minha adolescência: memória, consciência e identidade

---



Essa breve descrição do espaço físico é importante, pois minha juventude está profundamente conectada a ele. A casa era o cenário principal do meu cotidiano, mesmo tendo vivenciado experiências marcantes em outros lugares — como a escola, o bairro, a casa da minha avó e a dos amigos.

No meu quarto, havia a cama de madeira, com uma estética antiga que acredito ser dos anos 1980; o Super Nintendo, depois o PS1; a TV pequena e colorida, de marca obscura, que meu pai comprou no Paraguai; e o pequeno guarda-roupa rústico. Na sala, destacavam-se a TV de tubo de 20 polegadas, um quadro de madeira rústico representando um pescador, e o sofá marrom dos anos 1990 — cor que também predominava nas portas e janelas. O computador branco com Windows 98 dividia espaço com as bebidas e as diversas músicas que meu pai colocava. Apesar de trabalhar na construção civil e passar meses fora, ele sempre fazia questão de se aproximar e dar atenção quando voltava.

Assistíamos juntos aos jogos de futebol na TV: Corinthians, Flamengo, Cruzeiro, Vitória ou São Paulo, times que despertavam meu interesse ou o dele. Por ter viajado por quase todo o Brasil, meu pai desenvolveu simpatia por equipes de diversos estados, mas sua preferência era sempre pelo Vitória — uma característica que herdei em parte. Íamos também para o estádio, o Carneirão, ver o Atlético de Alagoinhas, além dos passeios nas praças e bares.

## Reflexões da minha adolescência: memória, consciência e identidade



Já minha mãe, cuidadosa e protetora, era como uma verdadeira coruja. Preocupava-se com tudo: minhas escolhas, meus estudos, minha ligação com o metal e minha participação em movimentos estudantis. Suas reclamações constantes sobre minhas “rebeldias” faziam parte do cotidiano, mas também refletiam o carinho e a dedicação que tanto moldaram as memórias desse lar. A cozinha era outro espaço importante, onde o cuscuz com ovo preparado por ela e a mesa usada também para os estudos.

Recordando o bairro e a casa, as memórias das amizades de infância vêm à tona. A maioria dos meus amigos do bairro não se perdeu com o tempo; continuaram presentes durante a adolescência. Não sei explicar, mas o que vem na mente desse momento foi a inserção no mundo virtual, e como a minha geração estabeleceu as relações sociais. Lembro bem dessa transição, quando, no início dos anos 2000, em meio ao acesso precário a computadores e internet, jogávamos Counter-Strike 1.6, Dota, Tibia, Ragnarok Online e Priston Tale. Também usávamos o MSN para conversar com colegas da escola ou amigos virtuais, paquerar, além de participar das discussões no Orkut ou até mesmo entrar nos chats da UOL para provocar as pessoas. Nesse contexto, lembro dos famosos 'corujões' nas Lan Houses, jogando Dota e Counter-Strike a madrugada toda, comendo besteiras e bebendo refrigerante ou bebidas alcoólicas.

## Reflexões da minha adolescência: memória, consciência e identidade



Associadas a essas experiências, as vivências na escola interligavam os diversos contatos que eu estabelecia. Essa expansão exploratória, de um jovem que transitava entre diferentes bairros, a escola e outros espaços, foi parte essencial do meu processo de formação. Lembro-me dos bairros periféricos onde moravam alguns amigos. Minha mãe sempre colocava impedimentos para que eu não fosse, mas, quando conseguia ir, percebia as diferenças: ruas sem asfalto e calçamento, relações sociais marcadas por outra dinâmica, casas mais deterioradas e famílias que, muitas vezes, tinham poucos recursos. Além disso, havia a violência e as brigas entre bairros, o que tornava esses espaços perigosos, vamos dizer assim.

Esse percurso, diante dessas experiências sociais, moldou aspectos da minha formação em termos de educação, cultura, arte, política, entre outros. Durante o Ensino Médio, estudei no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, uma escola pública de grande porte. Ali, além da formação escolar, vivenciei um processo de convívio social que contribuiu para a construção das minhas identidades. Em contato com muitos estudantes de perfis diversos, conheci e interagi com pessoas de diferentes realidades: algumas com condições socioeconômicas mais baixas que a minha, outras de famílias mais abastadas. Havia também colegas com diferentes orientações sexuais e identidades de gênero, além daqueles envolvidos em movimentos culturais, esportivos e até políticos.

## Reflexões da minha adolescência: memória, consciência e identidade



Essa inserção social, obviamente, não se resumiu à aceitação e ao bom convívio com todos. A adolescência é uma fase de formação em diversos aspectos, marcada por imaturidade em vários quesitos. No entanto, foi diante das contradições que aprendi, e a participação em movimentos culturais e sociais me permitiu refletir sobre a consciência. Os professores desempenharam um papel fundamental, provocando inúmeras reflexões. Lembro com carinho das aulas de filosofia, geografia e história, disciplinas com as quais eu tinha uma afinidade. Essas aulas não apenas despertaram meu interesse, mas também estimularam meu pensamento crítico e minha curiosidade sobre o mundo por meio do conhecimento, o que mais tarde me motivou a cursar licenciatura em História.



Em uma cidade com pouco mais de 150 mil habitantes, de meio porte para realidade do estado, era comum que os grupos de amigos do bairro se aproximassem dos colegas do colégio. Juntos, organizávamos os 'babas' (expressão baiana para jogos de futebol), partidas de basquete, íamos a festas e nos encontrávamos para ouvir e falar sobre música, entre outras atividades.

Foi nesse contexto que me inseri no mundo do rock/metal, tendo os primeiros contatos com esse universo, principalmente por meio dos colegas da escola. Aos poucos, fui mergulhando nesse cenário, entendendo suas expressões, apreciando as bandas e músicas, e adotando a estética e o linguajar da subcultura.

## Reflexões da minha adolescência: memória, consciência e identidade



‘Aos poucos conhecendo o underground’. Lembro de frequentar o Cybercafé Plugado de Márcio Cabeça, onde conheci punks e headbangers das antigas. Lá, descobri muitas bandas e comprei camisetas e CDs.

Concomitante a essa inserção, enquanto estudava bandas, músicas, filosofias e histórias, imerso na cultura underground, fui conhecendo novas ideias e visões de mundo. Esses conhecimentos começaram a dialogar com o que eu aprendia na escola, e, na adolescência, iniciei discussões sobre as contradições da sociedade: direitos, desigualdades e violência. Passei a me interessar por política, acompanhar processos eleitorais e pesquisar ideologias políticas, tudo isso atrelado às discussões anticapitalistas presentes nas subculturas.

No transcurso dessa formação política, após o aumento da tarifa do transporte público no município, houve uma mobilização estudantil de massa da qual também participei. Foi nesse momento que percebi a necessidade de me engajar no movimento estudantil. Conheci organizações estudantis e partidos políticos de esquerda, e esses contatos me aproximaram ainda mais do marxismo. O arcabouço teórico, ao começar a estudá-lo, fez sentido para entender o capitalismo, e fez ainda mais sentido quando o associei à minha própria vida, sendo filho de um operário. Essas reflexões foram fundamentais para formar meu olhar crítico sobre o mundo.

## Reflexões da minha adolescência: memória, consciência e identidade



Olhando para casa, comecei a compreender melhor minha realidade social e as condições materiais em que vivia. Observando onde meu pai e minha mãe trabalhavam, passei a entender, em um processo contraditório nessa longa juventude, quem eu era na sociedade e a ter uma percepção mais clara das minhas limitações e possibilidades.

### **Conclusão inconclusa concluída**

As memórias da minha adolescência, diante deste exercício reflexivo, revelam um mosaico de experiências que moldaram minha identidade e contribuíram para a compreensão de aspectos da sociedade. Ao refletir sobre minha juventude e relembrar as vivências, percebo que as inserções e interações sociais foram fundamentais para minha formação enquanto ser humano. O ambiente familiar, com suas limitações materiais, aliado às experiências em diversos contextos, ampliou minha compreensão da realidade social.

Minha inserção em movimentos culturais e a aproximação com a música, especialmente o rock/metal, desempenharam um papel crucial na construção da minha identidade. A busca por significados nas letras das músicas e a identificação com as ideologias apresentadas nesse meio me permitiram desenvolver uma postura crítica e reflexiva em relação à sociedade.

## Reflexões da minha adolescência: memória, consciência e identidade



esses momentos foram catalisadores para a minha curiosidade sobre política.

A mobilização estudantil em resposta ao aumento das tarifas de transporte público foi um divisor de águas. Participar desse movimento não apenas me despertou para a importância do engajamento político, mas também me introduziu ao marxismo, que se tornou uma lente através da qual pude entender o capitalismo. Essa experiência foi essencial para minha formação política e minha autoidentificação como um jovem de esquerda.

Sem se encerrar, ao olhar para trás, vejo que minha adolescência foi um período de descobertas e transformações, em diversos espaços. As relações que estabeleci, os desafios que enfrentei e as reflexões que fiz moldaram não apenas quem sou, mas também como vejo o futuro. Esse processo de autoconhecimento e conscientização continua sendo uma tônica na minha vida, guiando-me nas escolhas que faço e nas lutas que decido abraçar. Acredito que a vivência das contradições, aliada à reflexão sobre elas e à participação em movimentos culturais e políticos, foram fundamentais na formação de uma consciência crítica.

## Memórias da batalha de um casal para ser pais até o nascimento do seu bebê arco-íris a alegria após a tempestade



Marina Oliveira Lins

Atualmente a memória mais evidente que posso relatar foi a luta que eu e meu marido enfrentamos de 2020 a 2023 para termos o nosso primeiro filho, o nosso bebê arco-íris. Em meados do carnaval de fevereiro de 2020, enfrentei sangramentos que só paravam com medicação. Após, ser atendida na emergência em pleno carnaval e com dores que estavam sendo amenizadas com medicação, tive que pedir a atendente da minha ginecologista uma consulta de emergência na sexta-feira da semana após o carnaval.

Após, alguns exames de sangue e de imagem, a minha ginecologista descobriu que eu estava com endometriose e me encaminhou prontamente para um médico ginecologista especialista na doença. Essa especialidade em Maceió, possui poucos profissionais e só consegui vaga mais próxima, após a marcação, através de consulta particular.

Fui ao médico junto com o meu marido e após a consulta com este médico, o mesmo solicitou novos exames para identificar onde estavam os focos da doença e tive que tomar um remédio (hormônio) para controlar a mesma e as dores que ela causa.

Na consulta, em março de 2020 o médico nos fez refletir sobre a possibilidade de já pensarmos em uma gravidez, pois eu já estava com 33 anos e com o diagnóstico de endometriose, o que muitas vezes pode reduzir a fertilidade da mulher.

## Memórias da batalha de um casal para ser pais até o nascimento do seu bebê arco-íris a alegria após a tempestade



Adiamos a gravidez durante anos, já que nos casamos em 2013 e por conta do trabalho, de estudos para concurso, por morarmos longe de nossos pais e porque eu tive que passar cerca de 5 anos tomando medicações fortes para a remissão do lúpus positivo-negativo, inclusive uma delas, eu não podia nem pensar em engravidar, pois a mesma era abortiva.

Lembro que um dia antes da consulta a atendente do médico ligou para todos os pacientes, para confirmar se as pacientes iriam, pois em março de 2020 os casos de COVID começaram a entrar em evidência em Alagoas e muitas pessoas estavam com medo de sair de casa. Lembro, que respondi logo que iria de todas as formas, pois eu estava com muitas dores.

Na época da consulta eu estava de férias e no retorno das mesmas, eu fui trabalhar de home office devido a pandemia de COVID-19, o que me ajudou a suportar as dores. Após, fazer todos os exames, voltei ao médico em meados de maio, mas agora em outra clínica na qual ele atendia pelo meu plano de saúde. Na consulta fui orientada a continuar com a medicação e a controlar alimentação e fazer exercícios em plena pandemia e o médico disse que aquela medicação era o que eu poderia usar, já que todas as cirurgias eletivas do estado de Alagoas estavam suspensas.

Para conhecer o relato de outras mulheres sobre a doença, encontrei uma página no facebook chamada Endometriose sem Censura, a qual foi indicada por uma amiga minha, que falava sobre a doença, remissão, controle das dores, tratament-

## **Memórias da batalha de um casal para ser pais até o nascimento do seu bebê arco-íris a alegria após a tempestade**



os, etc. Essa página me ajudou bastante, a entender como me cuidar e a diminuir um pouco as dores. Como no início da pandemia, as academias e clínicas fecharam, tive que buscar alternativas para fazer exercícios como: usar a piscina de casa para fazer hidroginástica e andar ao redor da casa. Além disso, eu precisava controlar o peso, as dores da fibromialgia e das enxaquecas crônicas que aumentaram com o uso do hormônio. Além disso, com a página aprendi a comer de forma mais saudável e a usar produtos locais, já que durante a pandemia criamos o hábito de consumir mais produtos da região.

Mas, em meados de junho/2020, comecei a sentir muitas dores nas pernas e tive que retornar ao médico, pois poderia ser um dos efeitos colaterais do hormônio. Como eu fiz tratamento hormonal desde a primeira menstruação, tive que usar durante mais de 10 anos, anticoncepcional e em 2018 meu corpo já não estava mais aguentando o uso dos anticoncepcionais. Eu fui na consulta de urgência, mas o médico não pode me atender, pois teve uma emergência cirúrgica, então falei com a atendente dele sobre o meu caso e ela ligou para ele e o mesmo conversou comigo por telefone e me pediu para tirar a medicação e retornasse com uma semana, pois os sintomas eram de efeito colateral do remédio.

Após, uma semana eu retornei ao médico e melhorei das dores nas pernas, e tive que controlar as dores somente com um Anti-inflamatório. O médico então colocou o meu nome na fila de espera das cirurgias eletivas, para ser agendada após o reestabelecimento da volta das cirurgias eletivas.

## **Memórias da batalha de um casal para ser pais até o nascimento do seu bebê arco-íris a alegria após a tempestade**

Continuei a aguentar as dores, mas em meados de julho tive que voltar a trabalhar presencialmente no meu trabalho, mas em horário reduzido de 6h. Porém, mesmo assim eu sentia muitas dores, pois tinha que me deslocar todos os dias de Marechal Deodoro para o bairro da Gruta de Lurdes em Maceió e na época o transporte público estava reduzido e nas primeiras duas semanas a empresa ainda pagou o transporte por aplicativo.

Ao longo do tempo, fui aguentando as crises e dores. Em agosto de 2020 o meu médico informou que as cirurgias estavam sendo marcadas aos poucos. Minha cirurgia foi marcada para 27/8, um feriado em Maceió. Dois dias antes da cirurgia tive que fazer um preparo intestinal que envolvia comer apenas poucas comidas, o que me deixou um pouco fraca. No dia 27/8 fui com o meu marido e fui autorizada a beber apenas uma água de coco no início da manhã. Fui a última das pacientes a fazer a cirurgia, tinham mais duas antes de mim. A minha cirurgia atrasou muito, pois a primeira paciente teve alguma complicação maior na cirurgia. Fiquei na sala de espera aguardando com a segunda paciente, mas pouco tempo depois essa paciente foi para o centro cirúrgico e eu fui para o quarto esperar ser chamada, pois como era feriado, a sala de espera só iria funcionar até 12h.

A cirurgia foi feita, fui para o quarto, mas o efeito da anestesia demorou a passar e fiquei um pouco com um dos braços tremendo. O meu acompanhante era o meu marido, que ficou um pouco preocupado quando me viu assim, mas o médico

## Memórias da batalha de um casal para ser pais até o nascimento do seu bebê arco-íris a alegria após a tempestade



explicou logo a ele que era algo que algumas pessoas ficavam devido a reação da anestesia. Tive alta no sábado (29) e o médico pediu 15 dias de licença médica.

Fui para casa, mas minha mãe ficou com receio de me deixar só para fazer as atividades domésticas, então ela pediu para minha prima vim de Caruaru para ficar comigo, pois meu marido trabalhava praticamente todos os dias. Minha prima veio junto com a neta dela, que ainda estava estudando de forma remota e ficou comigo por cerca de um mês, porque eu não podia fazer uma série de atividades.

Fiquei com receio da cicatrização da cirurgia, principalmente quando ela inflamou um pouco no início. Algo, que foi solucionado com uma pomada que o médico receitou, após eu informar a ele como estava a cirurgia.

Como eu tinha ainda férias a vencer, juntei o meu período de férias junto com o período de licença médica para me recuperar. Voltei a trabalhar e as rotinas normais em outubro de 2020, quando iniciamos a tentativa de uma gravidez.

Em meados de novembro, tive pequenos sangramentos e descobri que estava grávida. Foi uma surpresa, pois fazia pouco tempo que estávamos tentando. Ao fazer, o primeiro ultrassom na emergência o médico constatou um descolamento ovular e disse que o mesmo poderia desaparecer sozinho com repouso. Então tive que entrar de licença médica. Mas, ao longo das semanas o sangramento não desapareceu e o descolamento só aumentava. Mas, na primeira semana de dezembro eu perdi o bebê e fiz a escolha de esperar a saída

## **Memórias da batalha de um casal para ser pais até o nascimento do seu bebê arco-íris a alegria após a tempestade**



do bebê naturalmente. Foram dores muito fortes, eu não tinha posição que eu conseguisse ficar e só podia usar medicações para amenizar as dores. O pior momento não foram as dores e nem os sangramentos, foi ver o feto cair em forma de bolsinha e ir embora junto com a água da privada. Foi uma noite exaustiva, na qual eu e meu marido não conseguimos dormir, devido às fortes dores que eu tive.



Figura 1- Gestação 2020- Arcevo pessoal da autora

Voltamos para o médico especialista em reprodução humana e esperamos um período de mais de um mês para voltar a pensar em uma nova gravidez. Em meados de outubro de 2021 descobrimos uma nova gravidez, que foi obtida após o uso de hormônios e reprodução programada, através de medicações e acompanhamento da ovulação por ultrassom, pois eu não estava ovulando naturalmente.

A gestação estava tranquila, sem nenhuma intercorrência. Estávamos esperando fazer o ultrassom do primeiro trimestre, para contar para todos da família sobre a gravidez. Mas, quando fui fazer o exame eu estava sozinha e a médica teve o maior cuidado ao me dizer que o bebê não tinha mais batimentos.

## Memórias da batalha de um casal para ser pais até o nascimento do seu bebê arco-íris a alegria após a tempestade



No dia inclusive após a ultrassom eu participaria de uma reunião online de um projeto do trabalho, que teria a sua terceira edição iniciada em 24/11/21 e que eu estive na organização desde 2014.

Não consegui nem participar da reunião e conversei com a minha obstetra sobre qual resolução deveria ser feita. Em alinhamento com a obstetra e com o gestor do meu setor do trabalho, resolvi esperar mais uma semana para ver se o feto seria expelido naturalmente e seria o tempo que eu também teria para deixar a organização do evento finalizada.

Após, uma semana, tive que fazer a curetagem e deixei todos os meus itens do trabalho finalizados, já que eu estava trabalhando em home office, por estar grávida no período da pandemia.



Figura 2- Gestação 2021- Acervo pessoal da autora

No dia 25/11 eu fiz a curetagem, mas tive de esperar muito, devido as urgências obstétricas e só consegui fazer o procedimento à noite. Antes de entrar no Centro Cirúrgico acabei tendo febre e sangramentos, estes últimos ocasionados

## **Memórias da batalha de um casal para ser pais até o nascimento do seu bebê arco-íris a alegria após a tempestade**



pelo medicamento introduzido para a realização do procedimento. Minha cunhada ficou comigo ao longo do dia como minha acompanhante. A pior parte é que as mulheres que passam pela curetagem, ficam próximas as mães que tiveram filhos e acabam vendo as mães com seus filhos, num momento de abalo psicológico. Eu só fui levada para o quarto por volta das 23h e meu marido estava me esperando. Como eu estava no hospital desde de manhã, cheguei com muita fome do centro cirúrgico e tive que pedir para comer, o que não pode ser muito por conta do procedimento feito.

A noite não consegui dormir, pois tive reação alérgica a anestesia, que só melhorou após a administração de antialérgico que pedi a enfermeira. Lembro que meu marido veio cansado do trabalho, eu chamava ele, dizendo que estava me coçando, mas ele não acordava. A minha sorte foi que a enfermeira foi olhar o meu soro e relatei a ela sobre a coceira e após a liberação da médica eu tomei o antialérgico, que reduziu as coceiras. Saí no outro dia do hospital e fui para casa. Só retornei ao trabalho em janeiro de 2022, devido ao período de licença médica e recesso de fim de ano.

Em 2022 retornamos ao médico especialista em reprodução humana, fizemos novos exames, mas nada foi detectado. Em abril de 2023 eu já estava suspeitando que estava grávida e fui para Sergipe em 2/4(dia do meu aniversário) fazer o concurso da SEFAZ SE no dia 3/4. Fiz teste de farmácia mas deu negativo e fui para a prova.

## Memórias da batalha de um casal para ser pais até o nascimento do seu bebê arco-íris a alegria após a tempestade



Mas, no dia da prova eu já sentia algumas dores pélvicas e na volta para Maceió refiz o teste e deu positivo. Na mesma semana continuaram as dores e acabei tendo um sangramento e fui para a emergência, na qual fiz um ultrassom, o qual detectou que o feto já não estava mais no meu corpo. A médica que realizou o exame ficou muito triste, porque era um domingo e das três grávidas que ela fez o exame, todas perderam o bebê. Eu não precisei fazer nenhum procedimento, mas na segunda-feira eu mal conseguia ficar em pé. Nesse dia eu já tinha consulta marcada com o médico especialista em reprodução humana e ele pediu novos exames e me afastou do trabalho por três dias.

Posteriormente voltei para este meu médico novamente com todos os exames refeitos, mas todos normais. Nenhum médico entendia o que poderia estar ocasionando as perdas. Como este meu médico diz: "há coisas que só Deus pode explicar". Meu médico pediu para tentar engravidar naturalmente e me deu o prazo até abril/2023 (quando eu faria 36 anos) para eu retornar para a consulta e para tentar uma fertilização.

No dia 2/1/23 retornamos de Piaçabuçu, onde passamos o ano novo, mas eu estava muito mal - com enjoos, tonturas e muita dor de cabeça. No dia 3/1 tive que ir na emergência, porque não conseguia ir trabalhar. O médico disse que era enxaqueca, me deu medicação e não pediu realização de um beta HCG. Fui trabalhar no dia 4/1, mas no dia 5/1 estava bem gripada e decidi ir no meu clínico.

## Memórias da batalha de um casal para ser pais até o nascimento do seu bebê arco-íris a alegria após a tempestade



Então fiz um teste de gravidez, só para desencargo de consciência, para não tomar medicações, estando grávida. Para minha surpresa, eu estava grávida. O clínico me medicou e fez o Beta que deu positivo. Foi uma grande surpresa, já que estávamos pensando em realizar a fertilização a partir de maio/2023.

Mas, na semana seguinte eu tive sangramento e fui na emergência. Estava com descolamento ovular e tive que ficar de repouso. Em um certo dia de janeiro, tive um sangramento forte de madrugada e decidimos ir na emergência só no dia seguinte, pois pelo nível do sangramento, já esperávamos que eu tivesse perdido o bebê. Para nossa surpresa, no ultrassom não apontava sangramento e o descolamento tinha reduzido. Continuei de repouso e após o carnaval era pequeno tinha sumido e fui liberada para retornar a trabalhar. Como a gestação estava no início não avisamos a todos da gravidez e pedi férias no trabalho (25 dias).



Figura 3- Gestação do Liam José- Acervo pessoal da autora

## Memórias da batalha de um casal para ser pais até o nascimento do seu bebê arco-íris a alegria após a tempestade



No final de março voltei a trabalhar e avisamos a todos que eu estava grávida através do convite abaixo:



Figura 4- Convite do Chá revelação do bebe Liam José

Fonte: Acervo pessoal da autora

Decidimos então fazer o chá revelação do bebê com o tema Simpson no dia 22/4 em homenagem a minha avó Benedita que fazia aniversário nesse dia e que já havia falecido.

## Memórias da batalha de um casal para ser pais até o nascimento do seu bebê arco-íris a alegria após a tempestade



Em março fiz o teste de detecção do sexo do bebê e já sabia que era um menino, mas só eu e meu esposo sabíamos e decidimos guardar o segredo para o chá revelação. Pedimos aos convidados que fossem vestidos da seguinte forma de acordo com o palpite do sexo do bebê: menina as pessoas se vestiram de vermelho ou com a imagem da Lisa e para menino as pessoas poderiam usar roupa azul ou de Bart Simpson.



Figura 5- Chá revelação de abril de 2023.- Acervo pessoal da autora

Não usamos nenhum nome para definir o bebê, o que todos estranharam. Por isso, no chá revelação decidimos contar toda a nossa história de perdas de bebês para que todos entendessem o porquê do chá revelação ser tão diferente.

Primeiro contamos a história de todas as nossas perdas gestacionais, contamos também que o arco-íris do convite e da decoração simbolizam as nossas três perdas com até 8 semanas e a vinda do nosso bebê arco-íris advindo após estas perdas. Depois revelamos o sexo com a cor azul no quebra pote que foi quebrado pelo meu enteado e com fogos de artifícios azuis.

## Memórias da batalha de um casal para ser pais até o nascimento do seu bebê arco-íris a alegria após a tempestade



Figura 6- Revelação so sexo do bebê - Acervo pessoal da autora

Depois, revelamos o nome do nosso príncipe Liam José através da música “Chá revelação” de Daniel Caon; sendo o primeiro nome “Liam” em homenagem a minha avó Liette e José por ser um nome bíblico, e porque o nosso pequeno estava laçado e conseguiu se desenlaçar sozinho.

Tive uma gravidez de muitos cuidados alimentares, com hidroterapia na piscina, com restrição de subir escadas, não dirigi e contei com a carona de grandes amigos para conseguir ir trabalhando diariamente. Meu pequeno ainda estava na minha barriga quando eu passei no concurso da Ufal para administrador, a aprova foi no dia 13/8 e ele nasceu no dia 31/8 e Liam José ainda me ajudou no concurso para professor do Ifal(realizado em duas etapas: uma em abril e outra em junho/2023), no qual consegui me classificar, mesmo com todas as adversidades que enfrentei na gravidez.

Liam José nasceu no dia 31/8/23, apesar de esta previsto para nascer em 7/9, pois o meu corpo já estava muito cansado para aguentar o peso da gestação. Enjoei a gravidez inteira do dia 1/1/23 até a hora do parto.

## Memórias da batalha de um casal para ser pais até o nascimento do seu bebê arco-íris a alegria após a tempestade



que temos que enfrentar. Lembro até hoje dos relatos de artistas como Thaeme Mariôto e Fiorela Matheus, está última relatou ter tido quatro abortos antes do seu bebê arco-íris. Acho que o relato mais surpreendente que vi foi da atriz Sharon Stone que teve nove abortos e adotou os três filhos.

Muitas pessoas nos criticaram, falando que era o momento de desistir, por todo o sofrimento que passamos. Foram momentos difíceis e que superamos e que enfrentaríamos tudo de novo para ter o nosso bebê arco-íris, como são chamados os bebês que nascem após alguma perda gestacional. Como meu marido diz: "Liam José é o amigão da mamãe e do papai".



## Para isso, também servem as memórias



Bruno Mendonça Monteiro de Carvalho

Confesso que relutei em contar um dos muitos episódios similares que enfrentei, mas aqui estou. Ainda pensei em buscar algo emocionante e tal... Achei melhor isso mesmo.

De início, peço ao leitor algumas concessões (já começar pedindo, é fogo, mas vamos lá). Uma delas, é sobre isso mesmo. Creio que me valer de uma linguagem estritamente formal prejudicará a contação, assim digamos. Já certo de haver sido atendido nessa primeira, passemos à segunda. É algo que naturalmente nos vem à mente, mas não custa nada pedir: ao passo que for avançando na leitura, não se esqueça de tentar visualizar as cenas. Com um riso preso enquanto escrevo, enfim, iniciemos.

Eram os anos 2000. Cursava a oitava série (nono ano de hoje) e a turma inventou de fazer a nossa “formatura”, celebrando a passagem ao primeiro ano do ensino médio. Cada ideia... Seria numa das boates mais agitadas da época, a Aeroporco, cujo símbolo emanava criatividade: era um porco com asas. Ficava na Sá e Albuquerque, em Jaraguá, bairro recém-revitalizado há época, que contava com uma boa estrutura para eventos.

Imagine aquele adolescente caricatural: alto, magro... de óculos... de aparelho nos dentes... Ah! Mais um detalhe: extremamente tímido. Esse era eu. Como ir para um lugar com dança e... meninas!? Mas também havia coragem! E lá fui.

## Para isso, também servem as memórias



Contextualizando: A festa foi num domingo à noite e eu morava num bairro afastado. Meus pais, carinhosamente me aconselhando durante o trajeto de 30 minutos:

– Uma festa num dia desses?! Vocês não pensam nos pais de vocês! Atenção para o horário, viu?! – Dizia meu pai ao volante, enquanto me encarava pelo retrovisor.

Minha mãe, ao lado dele, reforçava, me lembrando, de todas as formas possíveis, que iria trabalhar bem cedo no dia seguinte.

– Custa nada! Um diazinho na vida. Nunca dei trabalho. Uma noite não será nada.

– Dizia um “anjinho” imaginário, tentando aliviar a minha consciência.

Chegando ao local:

– Onze horas! Não passe disso, viu?! Já estará bom demais! – Lembrou, pela centésima nona vez, um deles enquanto eu descia do carro para a vida.

Lá, tudo normal. Muita gente jovem, música alta, ambiente propício para adolescentes em desenvolvimento...

Figura 1



Fonte: <https://www.instagram.com/aeroporcooficial/>

## Para isso, também servem as memórias



Encontrei meus colegas e ficamos conversando. Estava num curto balanço, limitado pela minha timidez, quando a avistei.

Pausa para um breve retrospecto da minha vida naquele momento. Há alguns meses, havia sido diagnosticado com escoliose, um desvio na coluna cervical que costuma causar dores. Fui, então, encaminhado a uma clínica para tratamento. Todos muito bem receptivos e eu, apesar de muito tímido, se falassem comigo, eu respondia (havia conseguido me educar para esses momentos difíceis da vida social). Não demorou e já participava das conversas com certa naturalidade. Uma menina, aquela menina, muito gentil, sempre conversou comigo numa boa, sem outras intenções nem nada. Era isso que eu pensava.

Voltando ao fatídico dia.

Tentei desviar o olhar. O que eu faria se ela viesse falar comigo ali? Numa clínica era uma coisa, mas ali?! Com meus colegas perto?! Seria difícil. “Os caras vão tirar onda comigo.” Pensamentos adolescentes... Não funcionou e ela veio ao meu encontro. Eu, numa fantástica presença de espírito, suavemente me afastei de onde estavam os colegas, indo a um local onde pudesse manter uma conversa. E ela conversava bem. O normal para uma pessoa normal.

## Para isso, também servem as memórias



Eu, parecendo um fugitivo, de vez em quando, me pegava olhando por cima do ombro. Mas o coração foi começando a bater mais devagar... Até que ela me chamou para dançar.



Não tinha o que fazer. Na minha cabeça, qualquer que fosse minha escolha, eu estaria lascado de todo jeito. Dançando, com certeza, agitariam comigo depois; não dançando, teria uma raiva eterna da minha moleza. Dancei.

Na verdade, tentei. E, ali, com um gingado envolvente de uma vara de bambu, me mantive. Conversa vai, conversa vem, eu ainda sem perceber nada do lado dela (naquele momento, do meu, já existia, mas a timidez...), começou a tocar:

– Tira a camisá! Tira a camisá! Levanta pro alto e começa a rodar!

## Para isso, também servem as memórias



Pra quê isso, minha gente? Numa festa quase infantil...

Ela disse somente:

- Tira. - Mas, o principal foi o olhar...

Tive que tirar. Pronto, com meu "físico" à mostra (valei-me!), dançando com muita elegância, eu estava certo de que aconteceria algo inesquecível. E estava certo, mas não da maneira certa.

Uma boate, lá pelas tantas, ninguém se importando mais com ninguém, música alta, ambiente escuro, num cantinho mais escuro ainda, estávamos nós, encostados na parede, eu de frente para ela e de costas para o público. Estava massa! Que orgulho de mim mesmo!

No meio de um beijo, ouço uma voz chamar meu nome gentilmente:

- Bruno!

"Isso é hora desses caras virem me perturbar?", pensei.

- Bruno! - Falou novamente a voz do além, um pouco mais alto. E eu continuei de costas.

- Bruno! - Disse a voz, puxando de leve minha camisa, que eu já havia respondido.

- Bruno! Ô, Bruno! Vamos embora que amanhã eu vou trabalhar! - Disse minha mãe, quase arrancando uma manga minha. Deus do Céu!

## Para isso, também servem as memórias



Os pensamentos se embaralharam. Virado para ela, com os cabelos assanhados e olhos de incredulidade, uma mistura de fim de alegria, desespero, vergonha e tudo o mais me veio. Lembro que, acima de tudo, uma pergunta se destacou na minha mente: “Como, gota serena, ela me achou aqui nesse esconderijo?” Nem eu sabia ao certo onde havia do parar àquela altura.

Sendo puxado por uma das mãos por minha mãe, a outra, involuntariamente, segurou a mão da minha “ficante”. E, ali, naquele trezinho incomum, ainda andamos até o meio da boate, quando, enfim, soltei a mão da menina e dei um “tchau” abestalhado.

Figura 3



Fonte: gerada por ChatGPT, em 5 de junho de 2025.

## Para isso, também servem as memórias



De volta ao carro, sentado no meio do banco de trás, recebendo o aconchego das doces palavras e olhares de afago dos meus pais, fui olhando fixo para frente. Somente respirava. Ainda não havia recuperado minha capacidade de raciocínio.

E, dessa forma, com a certeza do breve fim da minha vida libertina, fui “curado” da escoliose. Nunca mais pisei na clínica.

Durante estas palavras, lembrei que, por coisa besta da vida, estava afastado da minha mãe. Liguei para ela. Para isso, também servem as memórias.

Figura 4



Fonte: gerada por ChatGPT, em 5 de junho de 2025.

### Referências:

Reportagem e fotos sobre o bairro de Jaraguá:

<https://bairrosdemaceio.net/bairros/jaragua>

Antiga rede social da boate:

<https://www.instagram.com/aeroporcooficial/>

Música que me fez exibir o físico, esculpido após várias horas de Sessão da Tarde:

<https://www.youtube.com/watch?v=4BNsD-6l3s4>

## O dia em que me tornei são-paulino



Fábio Francisco de Almeida Castilho

Figura 1

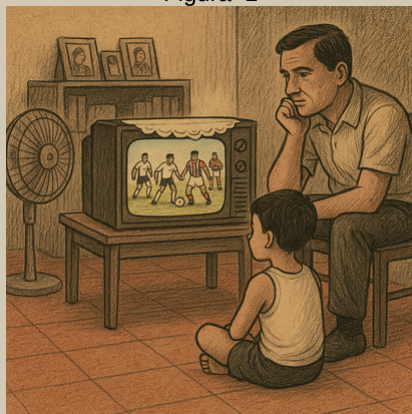


Imagem gerada através de Inteligência Artificial

Eu me lembro como se fosse ontem, jogavam Santos e São Paulo pelo campeonato paulista de 1992 e eu, na altura dos meus 8 anos, assistia do chão da nossa casa, disputando a atenção do meu pai com a TV.

Quando assistíamos jogos juntos, duas perguntas eram obrigatórias: eu queria saber para qual lado cada time atacava e qual time era bom ou ruim.

Naquele dia o Santos jogava de branco e meu pai disse que era um time “mais ou menos”. Já o São Paulo jogava com o seu segundo uniforme, com listras tricolores na vertical.

## O dia em que me tornei são-paulino



A mistura das cores branco, preto e vermelho me chamava mais atenção. Além disso, meu pai respondeu que esse time era muito bom e senti certa convicção na voz. Até aí eu já tinha um claro favorito, mas quando olhei para o placar o time bom perdia por dois a zero e a torcida adversária ensaiava um grito de "olé". Intrigado, passei a torcer com mais afinco para aquele bom time colorido em desvantagem no placar.

Já estava no final do segundo tempo quando um senhorzinho de agasalho chamou o time colorido, conversou com os jogadores, fez modificações e a partida mudou.

O time colorido passou a trocar bola rapidamente no campo ofensivo e de forma envolvente conseguiu duas infiltrações e arrancou o empate do adversário de uma maneira que parecia fácil. A torcida que fazia festa se calou. O juiz apitou o final do jogo e fiquei com a clara sensação de que se houvesse mais alguns minutos, o time colorido viraria a partida. Nesse dia comuniquei a família de que era são-paulino! Meu pai, amante de futebol e torcedor de outro tricolor, o das Laranjeiras, aceitou a decisão, já que seu Fluminense não ia muito bem das pernas.

## O dia em que me tornei são-paulino



Figura 2



Jogador Raí, envergando o segundo uniforme tricolor em 1992. Fonte:  
<https://historyspfc.wordpress.com/2016/10/18/estreia-de-rai/>

Revisitando a memória, me lembro muito bem desse dia. Tenho a exata noção da disposição dos móveis da nossa casa, a consistência do piso frio de onde eu brincava e assistia ao jogo, me lembro da antiga e única TV da casa, um modelo de cubo 20 polegadas. Tv que se tornaria “minha” para conectar meu videogame anos depois.

Me lembro muito da casa em que assisti ao jogo. Era um apartamento pequeno, de apenas dois quartos, onde morávamos meus pais e minhas duas irmãs. Esse foi o único período da minha vida que dividi quarto com elas. Apesar da casa ser pequena, ficava numa rua muito tranquila e num bairro com muitas crianças. Estava sempre repleto de companheiros para diversas brincadeiras. Além disso, ficava perto da casa da minha avó paterna.

## O dia em que me tornei são-paulino



Me tornar são-paulino em 1992 foi um grande golpe de sorte, naquele ano e no seguinte pude acompanhar o time ser bicampeão mundial jogando no Japão, essas conquistas foram marcantes pois os jogos aconteciam de madrugada, em horário bastante diferente do tradicional. Além disso, o time brasileiro enfrentou dois gigantes europeus para se sagrar campeão. O São Paulo venceu o Barcelona em 1992 e o Milan em 1993. Cada partida era recheada de grande expectativa e com destacada cobertura da imprensa esportiva da época. Eu tentava acompanhar cada novidade com imenso interesse. De fato, os principais lances da partida de 1993, habitam frequentemente a minha memória. O menino que eu era ficou em êxtase com o Bicampeonato mundial.

Na escola tentava arregimentar os colegas a também torcerem pelo mesmo time e em casa iniciei uma campanha com a família para ganhar minha primeira camiseta de futebol. Como morávamos em Lambari, cidade acanhada do interior mineiro, encontrar o item era muito difícil e caro. Foi necessário aguardar vários meses até que um tio pudesse trazer de uma cidade vizinha. Só me lembro que a camiseta era alguns números maior e bastante larga. Ela me acompanhou por vários anos.

## O dia em que me tornei são-paulino



Figura 3



Foto da camisa São Paulo. Arquivo pessoal.

O tempo passou e eu seguia apaixonado por futebol, acompanhava com assiduidade as mesas de debate esportivo, em especial, as do canal bandeirantes. Dessa época ainda guardo meus comentaristas prediletos. A excelente fase de domínio do São Paulo arrefeceu e times adversários ficaram mais fortes e passaram a ganhar campeonatos. Mesmo assim, acompanhei ao longo das décadas mais um título da Libertadores e um outro Mundial, ambos em 2005. Acompanhei também o inédito tricampeonato brasileiro, conquistado entre 2006 e 2008.

Na minha vida profissional acabei seguindo como estudante de história e o meu maior problema nesse período foi conciliar os jogos da Libertadores com os horários de aula da licenciatura nos dias de quarta-feira à noite.

## O dia em que me tornei são-paulino



Figura 4



Imagem gerada através de Inteligência Artificial

Foi durante o mestrado, em 2008, que fui convidado por um colega a participar de um projeto sobre História e Futebol. O objetivo dele era descobrir quando cada participante passou a torcer para seu time de coração. Torcedores de diferentes agremiações participaram.

Aceitei na hora e rapidamente descrevi as lembranças que guardava daquele jogo do campeonato paulista de 1992. Mas tive algumas surpresas...

## O dia em que me tornei são-paulino



O segundo momento do projeto consistia em confrontar as lembranças com uma pesquisa mais cuidadosa sobre as informações contidas no relato. Foi então que descobri que em 1992 o São Paulo venceu o Santos por 3x0 e a partida nada se assemelha com as minhas lembranças. Afrontado, segui na pesquisa e descobri que a minha lembrança é apenas do ano seguinte, 1993. Mas ainda assim, o jogo não termina como eu idealizei. De fato, o São Paulo não empatou a partida, mas foi derrotado por 3x2.

Fiz a contas, eu já havia completado nove anos e não morávamos mais na mesma casa. Fiquei igualmente surpreso em saber que o time já era campeão da Libertadores e Mundial um ano antes. Além disso, o calendário futebolístico da época era diferente, com o torneio sul-americano sendo disputado no primeiro semestre e o campeonato regional apenas no segundo. Posso inferir que por esse motivo meu pai respondeu tão convicto que o time do São Paulo era muito bom, pois sagrara-se campeão recentemente. Outrossim, ao longo dos anos assisti várias reportagens e documentários sobre os títulos consecutivos e, certamente, as informações se confundiram na minha memória.

## O dia em que me tornei são-paulino



Além dessas informações mais fáceis de serem confrontadas, descobri que a minha lembrança de criança me traiu em várias outras informações. Minha família mudou de casa várias vezes durante a minha infância, e a residência que eu julgava me lembrar com tanta exatidão não era a mesma. Em 1993 morávamos em um outro bairro, a casa era um pouco maior e ficava localizada numa rodovia movimentada, perigosa e sem crianças por perto para brincar. Nessa época eu tinha o meu próprio quarto e mais de uma tv em casa. Em entrevista com meu pai ele me confirmou essas informações.

Assim, o objetivo do projeto do meu colega foi cumprido com exatidão, a lembrança infantil e apaixonada me pregou várias peças e errei absolutamente em momentos do meu passado que eu julgava concretos. Por outro lado, a identidade constituída permaneceu inabalável; sigo são-paulino, consumidor e apaixonado por futebol. Muitas outras lembranças com o São Paulo marcam minha trajetória até hoje e ajudam a definir quem sou.

## O dia em que me tornei são-paulino



Figura 5



Arquivo pessoal, Agosto 2024.

Aliás, trinta anos depois, o São Paulo conquistou sua primeira Copa do Brasil em 2023. Campeonato importante pois amargamos um longo período sem títulos de expressão. E dessa vez pude curtir a conquista de uma maneira muito especial, ao meu lado estava um novo tricolor, meu filho Lucas, de seis anos, que usando a minha velha camisa, vibrou com a conquista do nosso primeiro título juntos.

## O dia em que me tornei são-paulino



Figura 6



Arquivo pessoal, 17 de Setembro de 2023.

Reportagens sobre as partidas invertidas na memória:

São Paulo e Santos 1992: <https://www.youtube.com/watch?v=iHzCG5m7HLA>

São Paulo e Santos 1993: <https://www.youtube.com/watch?v=5KoZgscN9EY>